

Apresentação

Os artigos agrupados nesta edição da revista *O eixo e a roda* apontam para a diversidade da cena literária contemporânea. O contemporâneo é aqui pensado como conceito plurissignificativo que, em primeiro lugar, envolve a produção de escritores do nosso tempo, aqui representados por Verônica Stigger, Teixeira Coelho, Paulo Henriques Britto, João Gilberto Noll, Luiz Ruffato, entre outros. Ampliado, o conceito abrange também autores e críticos já há muito consagrados, como Clarice Lispector e Haroldo de Campos. Mais do que os aspectos temporais da publicação das obras analisadas, importa ressaltar as abordagens críticas das leituras que fazem dialogar passado e presente. Giorgio Agamben relativiza a imperiosidade do distanciamento temporal para se falar sobre o contemporâneo, uma vez que “todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros” (2009, p. 62-63). E acrescenta: “Ao contrário, o contemporâneo é aquele que percebe o escuro do seu tempo como algo que lhe concerne e não cessa de interpelá-lo, algo que, mais do que toda luz, dirige-se direta e singularmente a ele.” (AGAMBEN, 2009, p. 64).¹ Nesse universo ressaltam-se algumas tendências que, em constelação, atravessam a produção literária e crítica. Não por acaso, termos como bricolagem, pastiche, tradução, metamorfose, recriação, sínteses provisórias repetem-se nos diversos artigos, corroborando o feitio de reciclagem da cena cultural contemporânea.

Nas narrativas enfocadas nos textos, observa-se a retomada de autores, gêneros e estilos, o jogo tradutório em sua relação com o processo criativo, a leitura crítica da história. Nesse sentido, a palavra transitividade poderia ser um denominador comum de tal retomada, dado que as noções de fronteiras e limites – geográficos, nacionais, domínios semióticos, áreas de conhecimento – se relativizam a ponto de afetarem o sujeito em seu estar no mundo, abalando as relações de pertencimento e identidade que mantém e que o constituem.

E é sobre esse sujeito inacabado em um mundo em metamorfose que se debruçam os estudos da poesia atual aqui reunidos, em leituras que ressaltam a crise (e as potencialidades da crise) do discurso poético, a (im)possibilidade do lirismo, a reinvenção permanente do gênero.

Assim, o leitor, seja das obras, seja dos artigos que delas tratam, é compelido a lidar com a questão das subjetividades inacabadas e precárias tão próprias da cena contemporânea.

Profa. Maria Zilda Ferreira Cury (UFMG)

Profa. Leda Maria Martins (UFMG)

Profa. Ivete Lara Camargos Walty (PUC-Minas)

Prof. Gustavo Silveira Ribeiro (UFBA)

¹AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo?* e outros ensaios. Tradução Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.